

AKG 701



No restrito mundo dos auscultadores dinâmicos de gama alta existe uma espécie de «título do melhor auscultador do mundo». Este «clube» é provavelmente encabeçado pelos Sennheiser HD 800, seguidos pelos Denon AH-D7000 e Grado PS 1000. No entanto, sem querer levantar já o pano, posso adiantar que os K 701 estão mesmo à porta da competição, não chegam a entrar, mas pouco lhes falta. Devo também acrescentar que sou um adepto da AKG há muitos anos, e possuo uns K 501 que utilizo regularmente. No que respeita aos K 701, estiveram comigo tempo suficiente para os testar de forma exaustiva, ensaiando-os com diversos amplificadores dedicados (a válvulas e de estado sólido).

DESCRIÇÃO DOS AKG 701

Trata-se de auscultadores do tipo dinâmico – abertos (por oposição aos fechados). Esta opção de projecto permite uma maior capacidade para recriar um palco sonoro, ainda que de certa forma virtual, conseguindo-se uma apresentação sónica muito mais espacial, o que nos auscultadores do tipo fechado raramente se alcança.

A estrutura dos K 701 foi desenhada de forma a serem muito ergonómicos e são, por isso, bastante confortáveis mesmo em

audições prolongadas. Para este desiderato muito contribui também o seu reduzido peso de 235 g.

Segundo o construtor, a resposta em frequência vai dos 10 Hz aos 39,8 kHz, com uma eficiência de 105 dB e um rendimento máximo de 200 mW; quanto à impedância nominal, esta anda pelos 62 Ohm.

A primeira impressão que temos quando colocamos os K 701 é o extraordinário conforto que proporcionam, quer pela forma

como se adaptam à cabeça do utilizador, quer pela tenção de aperto, que não sendo excessiva é a suficiente para encaixarem na nossa morfologia.

Apenas tive os K 701 na minha mão durante o período do ano mais frio, pelo que não posso opinar em termos de conforto durante o Verão, aspecto que em auscultadores não é de todo desprezível, já que alguns modelos que ensaiei no passado eram quase insuportáveis quando o calor apertava. No entanto, pelo tecido aveludado

em que são feitas as suas almofadas e pelo facto de envolverem na totalidade do nosso pavilhão auditivo sem lhe tocar, presumo que não constituam nenhum problema durante a época do ano de maior calor.

Na minha opinião de utilizador assíduo de auscultadores há já muitos anos, qualquer apreciação que se faça deste tipo de equipamento não pode ignorar o factor conforto, e aqui os K 701 são dos melhores que tenho utilizado.

No que respeita ao seu aspecto exterior, considero que perdem pela escolha da cor; de facto o que ressalta à vista é um «branco frigorífico» e um anel cromado que, confesso, não é muito do meu agrado, mas também é válido o argumento que quando os estamos a utilizar não os vemos, por isso a AKG está perdoada. Em todo o caso, a AKG emendou de certa forma a mão nos K 702, que, para além do cabo ser destacável, apenas diferem dos K 701 na cor: são pretos e cinzentos, o que para o meu gosto os torna muito mais atraentes.

AUDIÇÕES

Como já referi, os K 701 permaneceram comigo durante bastante tempo, o que me permitiu utilizá-los com diversos tipos de amplificação, e daí tirar conclusões mais rigorosas no que concerne ao equipamento que lhes associamos. A este propósito devo dizer que, sem serem auscultadores excessivamente punitivos, ainda assim requerem algum poder ao nível da amplificação.

Tal como a maioria dos aparelhos e dispositivos de reprodução sonora, também os auscultadores precisam de um período de rodagem, até porque têm uma forte componente mecânica – as membranas – que necessita de se soltar (com a utilização começam por tocar um pouco mais alto e depois adquirem uma fluidez que no início não possuem) – no caso dos K 701 são precisas pelo menos trinta horas de trabalho, senão mais.

Os K 701, tal como todos os transdutores com um alto nível de transparência, exigem fontes de elevada qualidade, bem como cabos de condução de sinal que lhes permitam mostrar o muito que têm para dar.

Sistema utilizado:

Fonte digital: Accuphase DP 67

Amplificação: Naim Head Line; Musical



Fidelity X CAN V3 + X PSU V 3, saída de *headphones* do Accuphase E 450 (que possui um amplificador de auscultadores dedicado com qualidade audiófila), e ainda um amplificador de construção caseira da responsabilidade do Carlos Ribeiro (projecto e execução).

Cabos de sinal: Acrolink 7 N – D 5000 balanceado (entre os dois Accuphase), Deltec Black Slink e Kimber KCAG com fichas RCA WBT (entre o CD e os amplificadores de auscultadores externos).

Durante as audições constatei que qualquer das diversas amplificações que utilizei era capaz de dirigir sem dificuldade os K 701, embora a minha preferência vá para a saída de *headphones* do amplificador integrado Accuphase E 450. Existem duas ordens de razões para esta minha preferência: o facto

de o amplificador dedicado que se encontra no interior do Accuphase ter uma maior resolução da informação e um equilíbrio tonal que me agrada mais, e de a ligação entre o CD e o E 450, ao contrário dos restantes amplificadores utilizados, ser balanceada, o que beneficia o DP 67.

Talvez a minha preferência, no que respeita ao equilíbrio tonal, também tenha algo a ver com o tipo de música que normalmente oiço – clássica e jazz –, e nestes géneros o Accuphase está como «peixe na água».

Já com música ligeira, nomeadamente *rock*, preferi os K 701 com o Naim Head Line. Este tem claramente menos resolução que o Accuphase, mas tem uma vivacidade e um *swing* que se encaixa muito bem na reprodução de música ligeira e proporciona ao utilizador uma maior satisfação.



Quanto ao tipo de música que solicitamos aos K 701 que reproduzam, não existe qualquer problema, são capazes de tocar qualquer género sem complexos nem limitações óbvias. Em todo o caso, tenho que realçar que com música clássica e jazz (sinfónica, barroca, romântica, coral, de câmara, cordas, sopros, metais, etc.) os K 701 proporcionaram-me maior satisfação do que com música ligeira do tipo *rock*, mas aqui talvez não esteja a ser muito objectivo na minha análise, já que estou a introduzir duas variáveis que nada têm que ver com os auscultadores, a saber: a amplificação que preferi (o Accuphase) e o tipo de música que mais aprecio (clássica e jazz).

Passando à análise da prestação dos K 701, o que sobressai desde o primeiro momento é um som incrivelmente limpo e uma excelente capacidade de resolução da informação; mesmo os mais ínfimos pormenores, desde que a fonte os ponha cá fora, os K 701 resolvem. Claro está que a audição com auscultadores é totalmente diferente da audição com colunas – os auscultadores, quando são de elevada qualidade como os K 701, funcionam quase como uma «lupa» que nos permite espreitar e vasculhar toda a informação contida no disco, têm normalmente uma capacidade para revelar detalhes e pormenores que as

colunas só em patamares muitíssimo elevados, e depois de alguns milhares de euros gastos, é que conseguem mostrar de forma clara e inequívoca.

Tonalmente os K 701 possuem um equilíbrio invejável, não se revelaram enfáticos em nenhuma zona do espectro, são extensos tanto nos agudos como nos baixos (embora aqui pudessem ir um pouco mais além), possuem uma gama média iluminada e aberta; com uma apresentação muito agradável, são de uma transparência notável, quase diria sem colorações.

Dada a opção de construção da AKG pelo tipo aberto, os K 701 são em termos sónicos muito confortáveis; mesmo em audições bastante prolongadas não geram fadiga nem stresse auditivo.

Outro dos aspectos que impressionam nos K 701 é uma extraordinária capacidade para recriar um palco sonoro amplo; o som parece que tem origem em pontos que estão muito para lá do limite físico dos próprios auscultadores, quer em largura, quer em profundidade. Eu sei que muitos dos leitores nesta parte «torcem o nariz», e interrogam-se: como é possível que uns artefactos que colocamos junto às nossas orelhas tenham a capacidade de construir

um palco sonoro, uma vez que não existe espaço físico entre a fonte sónica e o ouvinte para se proceder à focagem das unidades? Mas o certo é que, com auscultadores de elevada qualidade, de forma virtual ou não, este fenómeno pode verificar-se. A título de exemplo, mais do que com os K 701, com os Sennheiser HD 800 temos a sensação de o som vir de frente para nós, tal como acontece quando usamos colunas, não me perguntem como se consegue, porque não sei responder. Não sou projectista de auscultadores!

Todavia, tenho notado nos últimos anos que os auscultadores dinâmicos do tipo aberto de gama alta que têm sido colocados no mercado conseguem este tipo de proeza, claro que uns de forma mais bem conseguida e outros de forma menos óbvia. No caso dos K 701 é clara a sua capacidade para recriar o dito palco sonoro, não de forma tão vincada como os HD 800, mas também estes são a excepção das excepções e custam quase o triplo dos AKG em teste.

CONCLUSÕES

Considero os AKG K 701 dos melhores auscultadores dinâmicos que me passaram pelas mãos, e pelo preço que custam (abaixo dos 400,00) talvez mesmo os melhores.

Têm uma prestação global de verdadeiro *high-end!*

Pela experiência que estes auscultadores me proporcionaram, e que penso terei reflectido neste texto, só os posso recomendar sem reservas e com veemência.

Resumindo:

Pontos a favor:

Resolução;
Transparência;
Som limpo;
Extensão da resposta em frequência;
Equilíbrio tonal;
Espacialidade;
Versatilidade;
Preço.

Pontos contra:

Cor.

Preço: 449 €

Representante: Magmedia

Telefone: 21 961 48 10

Internet: www.magmedia.pt